



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Hoje fazemos seis anos. Parece que ainda foi há poucos dias que comemorámos o quinto aniversário e já se passou um ano. Parece que foi há semanas que apareceu o primeiro número e já se passaram 2190 dias. O tempo corre e esmaga a possibilidade de se viver mais. O que se viveu, viveu-se. É já ontem. E quanto mais *ontem* vivermos, menos amanhã viveremos. Embora os poetas digam que se morre para viver, o mais comezinho é aceitar que se vive para morrer.

Deixemos, porém, estas lamentações próprias de quem passou já o Bojador da vida e falemos um pouco do nosso jornal, falemos de «O Novo Fanguero».

Ele é uma realidade que paulatinamente vai cumprindo a sua missão. Pelos fins a que se votou, pelo esforço a que obriga, pela isenção que testemunha, é bem uma instituição fanguera, tão nobre como as demais, tão bairrista como aquelas que lutam pelo bem da terra.

ANIVERSÁRIO

No fundo o que é um jornal local? É uma acta de tudo o que quase tudo o que se passa na terra. Apercebemo-nos melhor disso quando nos deleitamos a ler todas as publicações que já existiram em Fão e nos retratam panoramas epocais dos tempos a que se reportam. Quando os consultamos, é como se carregássemos num botão dum videocópio e assistíssemos ao desbobinar da vida local em anos passados. É já essa a sensação que temos quando folheamos o quase milhar de páginas que o nosso jornal leva em idade.

Além dessa função assinalativa, «O Novo Fanguero» constitui um elo de ligação da diáspora fanguera. Aliás as cartas mais bonitas que recebemos são aquelas que nos enviam os nossos conterrâneos espalhados por esse mundo e que nos dão conta do que representa o nosso jornal para eles. Semana a semana o Zé Barbeiro via-nos entregando novas assinaturas sobretudo de fangueros que vivem longe da terra. Mal sabem que na vila existe um jornal, ou porque o tivessem lido ou porque alguém os informou, logo fazem insistentes pedidos para que o jornal lhes seja enviado. «O Novo Fanguero» amarra os conterrâneos à terra mãe.

Mas «O Novo Fanguero» não é só enviado para os conterrâneos. Existe uma outra mancha populacional que recebe este periódico. Esses são os amigos da terra, os que aqui possuem uma casa, os que já aqui moraram, ou têm um familiar que cá nasceu. São em grande número. Já referimos que eles constituem para Fão um capital social digno de ser tomado em linha de conta. Ao preferenciamos e distinguiremos o nosso jornal estão sobretudo a dar mostras da grande estima que nutrem pela terra. «O Novo Fanguero» é para eles um elo de ligação à vila fanguera.

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

«JOÃO CEGO»

Temos já implicitamente dado a demonstrar que na Galeria dos Perfis não tomam apenas assento os notáveis da terra. É todo o tecido social da terra que aqui se procura representar uma vez que os indivíduos comportem um certo *quid* especial que os diferencie. Neste âmbito cabem as figuras típicas, figuras que embora e generalizadamente não tenham desempenhado tarefas socialmente consideradas úteis ou, pelo menos, muito úteis, recebem por assim dizer o *agrement* da população para as considerar pessoas simpaticamente destacáveis, portanto colunáveis.



Hoje lembramos o João da Teia, há poucos anos falecido, e que no seu tempo fazia parar na terra mais automóveis que a doçaria do Peixoto, só para lhe entregarem uma esmola. Já em tempos repuxamos o perfil do João para o Jornal de Notícias e por isso limitamo-nos a transcrever daquele diário o esquisso referido com uma potentosa caricatura do Alceu.

«JOÃO CEGO»

Um carro pára junto de um café de Fão, frente à Estrada Nacional, buzinando de seguida. O homem que ali se encontra normalmente sentado levanta-se e, a tactear, dirige-se para o veículo, perguntando: «A sr^a D. Mariazinha está melhor? Como vão os meninos?».

A cena nada teria de singular se não se tratasse do Invisual «João Cego», de seu nome de baptismo, João Ribeiro Brisa que há 51 anos viu a luz do dia num beco sinuoso da

vila de Fão. O «Cego» é, assim, a modos de uma sentinela, ou, se quiserem, uma espécie de *public-relations* dos fangueros. Facilmente identifica os carros pelo barulho dos motores ou pelo toque de claxon. Daí o cumprimento certo que ele logo dirige aos seus inúmeros benfeitores.

—*Eu dantes até conseguia conhecer a marca dos carros. Há uns vinte anos não falhava um. As pessoas estavam sempre a perguntar: «João, que marca é aquela?». E eu lá ia dizendo que era um Volkswagen, um Mercedes, um Studebaker, um Juvaquatre, um Fiat e outros mais. Agora é muita coisa e eu perdi-lhes a conta. Só conheço os carros das pessoas amigas:*

Era esta uma das qualidades que antigamente tanto seduzia o saudoso jornalista Paulo Freire, amigo, admirador e quase visita diária do João, quando vinha passar férias a Ofir.

—*O sr. Paulo Freire tornou-se muito meu amigo. Uma das coisas que ele me perguntava sempre, além das marcas dos carros, eram as boras. Eu lá ia acertando sempre e ele ficava muito admirado.*

Nesse momento lembramo-nos, também, de perguntar pelas horas. «Uma menos vinte», foi a resposta. O certo é que o nosso relógio assinalava uma menos quinze. Estranhámos... «Esse relógio deve andar um bocado adiantado», logo acrescentou. E é que andava mesmo, não cinco, é certo, mas pelo menos dois. Quase um cronómetro. este cego!

João tem muitos amigos, tantos que já nem lança o seu famoso pregão: «Uma esmolinha p'ro ceguinho». Permanece queto e apenas se inteiriça, concentrado, de ouvido em riste, logo que começa a percepção do ruído de um motor, para ver quem vem lá. Está como reformado ou será que se aburguesou?

—*Tenho muitos amigos do Porto, de Viana, de Lisboa, de Lanbelas, de Valença, de Monção e de todos os sítios, que já param por si e dão-me a esmola, mais pequena ou maior conforme o número de vezes que por aqui passam. Eu agora não peço. A D. Miquinbas (dona do café) garanttu à Câmara que me daria a comida e que, por isso, eu não pedia. E que, há anos, quiseram levar-me para um asilo.*

Estranhámos que João não quisesse ir para um asilo. Recolhido das intempéries do tempo, garantida a cama e a mesa, talvez com algum dinheiro para os cigarros — ah! esquecíamos-nos que ele não fuma — por que seria aquele medo do «conforto» de um asilo?

—*Asilo? Deus me livre! Nem pensar nisso... Eu aqui tenho pessoas conhecidas, amigas, vou à igreja quando quero e sou muito li-*

(Continua na pág. 2)

«JOÃO CEGO»

(Continuado da pág. 1)

vre. Eu gosto muito da liberdade. Nada a pôde pagar. Nem tudo isso que me diz do asilo.

Causava espanto como este homem, agora mais trôpego das pernas por motivo de doença, percorria as ruas de Fão, até as mais distantes com muito à vontade. Ia a Esposende sozinho e a outras terras limítrofe. Tacteia uma parede, concentra-se num degrau e lá vai, ele, saudando um e outro transeunte pelo seu nome, guiado apenas pelo tom de voz. Tratar-se-ia de um caso de visão paraóptica (visão por outros nervos que não os utilizados normalmente pelo sistema visual)? Teria o «cego» desenvolvido nele mesmo um sistema de sonda acústica ou estaremos nós perante um fenómeno de hiperestesia (1)? Para o João, de nada disso se trata: a sua linguagem é mais simples:

—*Eu ando bem pela ruas devido ao uso. Toco e fixo as paredes e decoro os degraus. Tenho também bom ouvido. É só isso e muito treino.*

Em suma, um sistema de Braille em longa metragem, não para lêr mas para viver. A memória dos relevos ao fim e ao cabo.

Curioso, este João. Não diferencia as cores pois que ao fim de poucos meses deixaram-lhe «constipar» os olhos, segundo expressão sua, e assim perdeu a vista. Só sente umas sombras à sua frente quando alguém se aproxima dele em dias de Sol. Não sentiu nunca o conforto de uma mulher. Nunca namorou. «Nunca estive para essas coisas». As vezes, rapazotes sem escrúpulos pedem-lhe para trocar cem escudos e metem-lhe na mão um vulgar papel. Pois apesar desta escuridão e renúncia, sente-se conformado e feliz à sua maneira.

Estou habituado a isto. Sinto-me bem e só quero é saúde (da outra). As vezes vou «ver» filmes portugueses: «Rosa do Adro», «Pupilas do Senhor Reitor», «Capas Negras». Gosto de televisão e de ouvir fados. Cá vou andando.

Por muitos anos, João, e que o prometido subsídio da Casa do Povo não demore.

(1) Excepcional sensibilidade que leva o homem a «ver» sem olhos, cheirar pelo queixo ou ouvir pelas mãos — Oscar Quevedo («O que é a Parapsicologia» — págs. 27 e segs.).
Edições Loyola — Pags. 27

EDITORIAL

(Cont. da pág. 1)

Falta ainda falar dos fangueiros residentes. De uma maneira geral os nossos conterrâneos sentem e vivem «O Novo Fangueiro» como uma instituição local. A população, satisfatoriamente culta e bairrista, lê e assina «O Novo Fangueiro». Sim, que assinar o jornal é também uma expressão de cultura e bairrismo. Por isso podemos dizer que o actual número de assinantes do nosso jornal é o idealmente possível. Às vezes, e só por uma questão de desconhecimento, não mencionamos a morte ou a doença de familiar de um assinante. Isto pode-nos custar uma assinatura ou, o que está mais em moda, o preço da assinatura. A estes faltalhes o tal fair-play a que se referia o Quim de Fão, e o fair-play é também uma questão cultural.

Ficamos convencido, porém, que de uma maneira geral os três vectores da população fangueira são contemplados satisfatoriamente pelo «O Novo Fangueiro». Ao cumprirmos tal desiderato, estamos concomitantemente a lutar pelo progresso e bem estar da terra. É nisso que nos temos empenhado. É nisso que nos empenharemos.

AGRADECIMENTO

A Comissão organizadora da Marcha da Areosa vem por este meio agradecer a todos quantos participaram física e monetariamente na respectiva marcha.

TENSÃO ENTRE CORALISTAS

A Comissão de Festas do Senhor de Fão entendeu convidar este ano o Coral do Bom Jesus para abrilhantar a missa de segunda-feira de Pascoelo no Templo da Alameda. Dias mais tarde, quando a Confraria do Bom Jesus foi convidar o Coral da Matriz para tomar parte na missa do dia do Senhor da Cruz, no mesmo Mosteiro, aquele confessou-se indisponível. Estava declarada a guerra entre os dois agrupamentos coralistas.

Quem tem razão? Os dois. Com efeito, ao longo do ano, o grupo do Bom Jesus, ensaiado e dirigido pelo Castmiro Matias, que se deslocou expressamente de Lisboa, tem actuado nas missas de domingo, mormente nos meses de Verão. O mano Matias aprendeu música para isso. Por outro lado, o Coral da Matriz tem tomado parte em todas as festas do Senhor Bom Jesus, o que enriquece significativamente o seu reportório. Por que é que não havia de actuar este ano? É certo que de outra banda também se diz: «Se nós servimos para o resto do ano, por que não havemos de cantar no dia da festa?»

É nossa convicção e de toda a gente que o nível destes agrupamentos não se compara. São dois irmãos com capacidade de mestria e de actuação nada semelhantes. Um está maduro, personalizado, com um regente fora de série. O outro procura superar com muita boa vontade o que lhe falta em desenbaraço de batuta, volume e qualidade de voz. Não se comparem, pois, mas ambos possuem a mesma virtude: cantam por amor à terra.

Não quererá o irmão mais velho ser mais complacente com o irmão júnior? Isto porque a existência de dois grupos locais vem enriquecer Fão.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas paraias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; bolte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (meddas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Óptimo para crianças (bay-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vino do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

DE APÚLIA

ANCO — Tal como escrevemos neste jornal, funciona já, em pleno, desde os primeiros dias do passado mês de Abril, o Balcão do Banco Fonseca & Burnay, instalado na Avenida da Praia, ali ao lado do Largo da Senhora da Gula, que é, indiscutivelmente, o local mais centralizado e evoluído da Vila de Apúlia.

CABINES TELEFÓNICAS PÚBLICAS — No Largo da Senhora da Gula, que muitos consideram a sala de visitas de Apúlia, estão instaladas, desde há algum tempo, duas cabines de telefone público, um bem ao dispor de toda a gente, que nem toda a gente compreende.

Há dias, por brincadeira (estúpida) ou selvajaria, alguns «rapazinhos» que até podem nem ser de Apúlia, destruíram a ligação e auscultadores de uma dessas cabinas, por sinal da que foi recentemente ali colocada.

Claro, como ninguém sabe quem foi, vão ficar impunes e continuar a dar largas ao seu espírito «criador».

VISITA PASCAL — Talvez, um caso a rever, o facto de muitas casas só serem visitadas pelo «compasso» já de noite, o que deu motivo a alguns protestos.

No resto, a normalidade e a alegria do costume, menos neste pormenor importante: Apúlia é, em cada ano, cada vez maior, nos espaços habitados e nas populações.

ÁREA PROTEGIDA? — Toda a área da orla marítima, da Bonança a Cedovem, dizem as placas por ali colocadas, é zona protegida.

Quem por ali passa diariamente e assiste às corridas de carros ou motorizadas nos fielos já carecas, aos pique-niques e fogueiras em plena zona florestal, à invasão de pessoas e de veículos motorizados, pensa que as placas afinal não protegem nada. O que já se sabia por cá.

UMA BOA NOTÍCIA — Desde os primeiros dias do corrente mês de Maio que a canalização de água de Apúlia está a ser substituída por uma

outra, novinha em folha, de muito maior diâmetro.

Um dos problemas crónicos de Apúlia, nos meses de Verão está prestes a ser solucionado. Toda a gente vai passar a ter água. Se o rio Cávado ainda, a tiver, claro. Mas vai ter. O mar é inesgotável, e fica ali a dois passos.

Louve-se o esforço financeiro da Câmara Municipal de Esposende no sentido de garantir uma maior quantidade do precioso líquido às populações. Pena é que a qualidade não possa também ser melhorada.

FESTA — O Benfica acabava de garantir a sua presença na final de Viena dos Campeonatos Europeus. Num Café de Apúlia havia alegria, havia festa, havia champanhe (do verdadeiro), havia caviar...

Afinal a festa não era só para festejar a vitória do Benfica. Era, antes de mais, para festejar mais um aniversário de uma jovem senhora com (S) grande, ela também muito grande pela sua modéstia e simplicidade, e frequentadora habitual daquele café. Ela, que até é portista, com a sua festa, ajudava a festejar a grande vitória do Benfica. Por muitos e felizes anos.

AS FESTAS DO SENHOR DE FÃO

Com a dedicação e entusiasmo que já lhe são conhecidos, a Comissão das Festas esmerou-se para apresentar um programa digno e cheio de beleza que encheu de povo as ruas de Fão.

Desde o dia 8 de Abril, Domingo de Ramos até 6 de Maio, foi um desfilar de iniciativas, com o qual se preencheu o programa das Festas.

O estalar dos foguetes, a leitura do testamento de Judas, a inauguração da música, do arraial e das luzes deu início ao moviemnto e à alegria que caracterizam estas festas.

Dua 20, às 21 horas, houve marchas populares, onde o grupo de Areosa, Ramalhão e Infantil do Jardim de Infância da Casa da Misericórdia, deram uma nota de alegria e côr às ruas de Fão.

O Rancho do Ramalhão, alegre e vivo, apresentava os rapazes vestidos à marinheiro e elas de varinas donairosas. Encantaram com a sua alegria e foram muito aplaudidas. O Rancho da Areosa, eles de calça preta e camisa branca e elas de saia lilás e blusa preta.

As canções da Areosa eram inéditas e as do Ramalhão com letras adaptadas a canções já conhecidas.

O grupo da Areosa, talvez mais profissional e o do Ramalhão mais vivaço. No entanto os dois agradaram em cheio. As crianças como sempre encantadoras a provocar a «baba dos papás».

Dia 21. Ouviram-se os famosos bombos de Barcelinhos que eram aguardados por um jovem casal que os acompanhou no passeio pela vila.

Houve um Raly Papper, exposições nos Bombeiros Voluntários e à noite houve folclore com as Lavradeiras de Rio Tinto e o Rancho Típico de Amorosa.

Às 22 hora, a Tuna Académica da Universidade Católica do Porto, como sempre, cheio de vida, alegre o que encantou tudo e todos, mas principalmente as raparigas.

A terminar o dia houve uma sessão de fogo aquático e preso.

Domingo, 22, a inauguração da exposição do já tradicional tapete de flores feito pelos irmão Matias.

Só visto se pode apreciar o trabalho, a arte e a beleza com que é feito.

As cores combinadas e o desenho eram dum efeito deslumbrante.

Muito visitada a Igreja, é um dos pontos altos da Festa.

Houve depois as festividades religiosas. À tarde continuou o arraial e as barracas dos feirantes.

Houve música nos coretos, pela Banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende e a Banda da Casa do Povo de Barroelas.

Terminou com uma sessão de fogo preso e Bouquet.

Dia 23, procissão e visita aos doentes.

As festas terminaram com a procissão no dia 6 com a sua majestosa procissão pelas ruas da Vila, acompanhada com as Instituições católicas, muito povo e os Bombeiros.

As festas foram encerradas com um concerto. Parabéns à Comissão.

CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

ENG. JOÃO MARIA OLIVEIRA MARTINS

Cessou as suas funções como Ministro das Obras Públicas, o nosso conterrâneo, isto é, natural do concelho, Eng. João Maria Oliveira Martins. É um facto que qualquer região sente orgulho em ter um seu filho como ministro e o concelho esposendense não fazia excepção, sem importar para o efeito a cor do respectivo agrupamento partidário. Acresce que o João Maria mais que político era um tecnocrata; não estava para servir-se, mas para servir. A sua inteligência, dedicação e dinamismo eram salientes.

Ora em política nem sempre a excelência é acete sobretudo quando certos barões não suportam a sombra dos que se evidenciam. E vá de cavar a terra em redor.

Premonitoriamente o Eng. João Maria tinha afirmado num entrevista ao Expresso: «Se tentarem fazer-me o ninho atrás das orelhas, vou-me embora». E veio. Com toda a dignidade, pela porta grande como se impunha a um homem de consciência tranqüilla mas determinada.

NOTAS À MARGEM DAS FESTAS DE SANTA CRUZ

A festa de Santa Cruz fez vibrar e movimentar a freguesia inteira. Todo o mundo se afadigou na confecção do extensíssimo tapete que se estendeu pelas ruas de Fão. Estavam lá os moradores e não moradores.

Não se pode dizer qual a parte mais bonita. Tudo foi feito com muito carinho e muito bairrismo.

Na imponente procissão integraram-se as forças vivas do concelho e da terra. Esteve presente a Fanfara de Crestuma. Que garbo! Ai que saudades!...

Os Bombeiros estiveram também muito apurados.

Alguns titulares de associações religiosas vieram como quem vem para uma romaria ou para assistir a um desafio de futebol: sem gravata. Tratava-se do acto mais solene e religioso acontecido em Fão: destoaram. A abrir o cortejo duas praças da G.N.R. a cavalo.

As flores em Fão esgotaram. Algumas pessoas tiveram que ir procurá-las nas Marinhas, Gemeses, S. Bartolomeu, Fonteboa, etc.

DR. SANTOS JÚNIOR

Com certa descrição, nada comparável com o mundo do futebol, os jornais noticiaram a morte do Professor Universitário jubilado, Joaquim Santos Júnior. Era um reputado cientista.

Foi um grande entusiasta e propagandista das belezas de Fão, terra que frequentou nas décadas de 30, 40 e 50.

Juntamente com o Dr. Manuel Sampaio e Castro, Dr. Franklin Nunes, Capitão Jorge Larcher e Álvaro Machado fundou em 1930, o grupo de «Os Amigos de Fão» que foi o primeiro grande órgão de propaganda que a nossa terra já teve.

Os anos passaram. Os fundadores de «Os Amigos de Fão» foram desaparecendo. Restava o último abencerragem, já muito distante das coisas da nossa terra. Chegou agora a sua vez, numa altura em que Os Amigos são já só uma saudade.

A nossa saudade também pelo dr. Santos Júnior.

Aumente o seu Colesterol!

Esperamos que, com as guloseimas da Páscoa o colesterol tenha dado uma considerável subida! Mas, para subir ainda mais, aqui vão umas receitas:

VAGENS DE FEIJÃO CARRAPATO DE FRICASSÉ

Põe-se numa caçarola cebola miudinha, salsa também picada miudinha, azeite q.b., manteiga, pedacinhos muito pequeninos de toucinho, as vagens (depois de tirados os fios), cortadas em tirinhas, e caldo de carne q.b. para cozer as vagens e deixar molho.

Tapa-se a caçarola e vai ao lume, agitando de vez em quando. Quando o feijão estiver cozido, destapa-se a caçarola, tira-se do lume, tempera-se com sal, deixa-se arrefecer um puco, liga-se o molho com 2 gemas de ovos e leva-se de novo ao lume, só para as gemas cozerem, servindo-se a seguir.

PUDIM DELICIOSO

- Amêndoas, bem pisadas — 250 gramas.
- Açúcar — 250 gramas.
- Gêmas — 9.
- Claros — 4.
- Farinha — 2 colheres de sopa.

Bate-se tudo até ficar grosso. Unta-se a forma com manteiga, deita-se a massa e vai ao forno.

Logo que esteja pronto, polvilha-se de canela.

E, com votos de bom apetite e de boa subida, despede-se a

TIA MARIQUINHAS.

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

Com a presença de 13 sócios, realizou-se a 1.ª reunião deste ano, para a apresentação das contas e para a elaboração do programa para 1990.

Estava presente o Presidente da Junta que com o dinamismo que todos lhe conhecem, deu a conhecer um projecto para as futuras instalações da cooperativa e não só: também um plano de desenvolvimento que irá lançar Fão numa perspectiva a que tem direito.

Foi muito acalorada toda a reunião e algumas sugestões foram aplaudidas e aceites unanimemente.

O programa para o ano corrente é mais ou menos o seguinte, embora possa sofrer alterações:

— Em fim de Maio ou princípios de Junho um concurso de pesca, entrega de prémios e uma reunião de convívio.

- Concurso de construção na praia.
- Um passeio pelo rio, com pique-nique.
- Uma tarde de jogos (corrida do saco etc.)
- Uma feira do livro.
- Uma feira de artesanato.
- Uma desfolhada à moda do Minho.
- Noites de convívio, jantares, fados, etc.
- Uma exposição de quadros.
- O dia do bolo.
- Ranchos, comes e bebes.

Para já, conseguimos, com a ajuda e dedicação do Sr. Duarte, umas instalações provisórias para todas estas iniciativas e para sede da cooperativa. Já é um grande passo, este ano, pois sem um tecto, nada se poderia fazer. Há sócios que vão já mandar arranjar, limpar e pôr a funcionar a aludida casa e para isso é preciso dinheiro.

Aproveito para fazer, aqui, 2 apelos.

O 1.º é a ajuda do comércio e a admissão de novos sócios. Até 31 de Dezembro foi abolida a entrada de jóia e apenas é preciso a compra de 3 títulos de 500\$00 cada.

Quem quiser poderá comprar mais títulos. Todos os sócios devem empenhar-se em arranjar mais sócios, o que para o desenvolvimento da cooperativa seria excelente.

As realizações futuras, são mais ambiciosas, mas

temos que esperar por instalações mais condígnas e mais espaçosas.

Este empreendimento não diz somente respeito aos sócios e a meia-dúzia da «carolas». A cooperativa é de todos e para todos. Esta terra tem o futuro na mão dos jovens. Seria excelente que eles comessem a trabalhar «Aqui e agora», e é para eles que vai o meu 2.º apelo. É salutar ajudar a erguer uma obra e a fazer alguma coisa útil enquanto andarmos pela terra.

Houve jovens no passado, que fizeram alguma coisa que hoje estamos a usufruir. Vamos semear para os vindouros e demonstrar que os novos fangueiros também têm valor.

Precisamos com urgência de quem nos ajude a pôr em prática o que foi programado. Quem, nos fins de semana fôr a Fão ou esteja disponível, se dirija à Casa Penetra e fale com o Manuelzinho.

Ele é dos que querem ver o progresso da terra, e bem o demonstrou o ano passado, com o trabalho que teve na realização do programa apresentado.

Nas Rodas, onde estava projectado o mercado, vai erguer-se um espaço com outros fins. Será ali o ponto de encontro de todas as actividades culturais, sócias e comerciais. Estamos convencidos que toda aquela zona, (ponte, rio, pinhal e estrada) vai ter outro movimento, outra perspectiva e o turismo canalizar-seá com mais interesse.

Mão à obra e boa sorte para a Cooperativa, pois os seus fundadores não esmorecem facilmente.

Cecília Rodrigues Paixão de Amorim



DOENTES

Numa clínica do Porto foi sujeito a uma intervenção cirúrgica o nosso bom amigo e grande bairrista fangueiro Artur Sobral.

A operação correu bem, pelo que teremos de novo um Artur Sobral mais remoçado a pugnar pelas coisas da nossa terra.

Diz-se que os amigos são para as ocasiões e nós cá estamos nesta hora de sobressalto a trazer o nosso abraço de muita solidariedade ao dinâmico conterrâneo.

Nunca nos esqueceremos que em 1958 pretendemos fundar um jornal em Fão. Foi o Fangueiro. Nada de confusões com o Novo Fangueiro. Conversámos então com Artur Sobral e dissémos-lhe que ele teria de dar mensalmente uma certa quantia. Aquiesceu prontamente e nunca falhou. Essa benemerência e tantas outras que o seu bolso e relacionamento proporcionaram, configuram Artur Sobral como o protótipo de benemérito fangueiro.

É por isso que lhe vamos desejar melhoras e que o seu exemplo de vida ao serviço de Fão seja um incentivo para os mais novos.

— Foi operado no Hospital de Fão a nossa prezada assinante Edir da Venda Maniz que sofreu um acidente quando descia uma escada em casa de um familiar. Desejamos um pronto restabelecimento

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA



- ÓPTICA MÉDICA
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12
4700 BRAGA ☎ 7 57 77

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Que tal essas férias? Descansaram o bastante para enfrentar as dificuldades do 3.º período? E tiveram boa Páscoa? Oxalá que sim.

HISTÓRIA INACABADA

Por HELENA BANCO

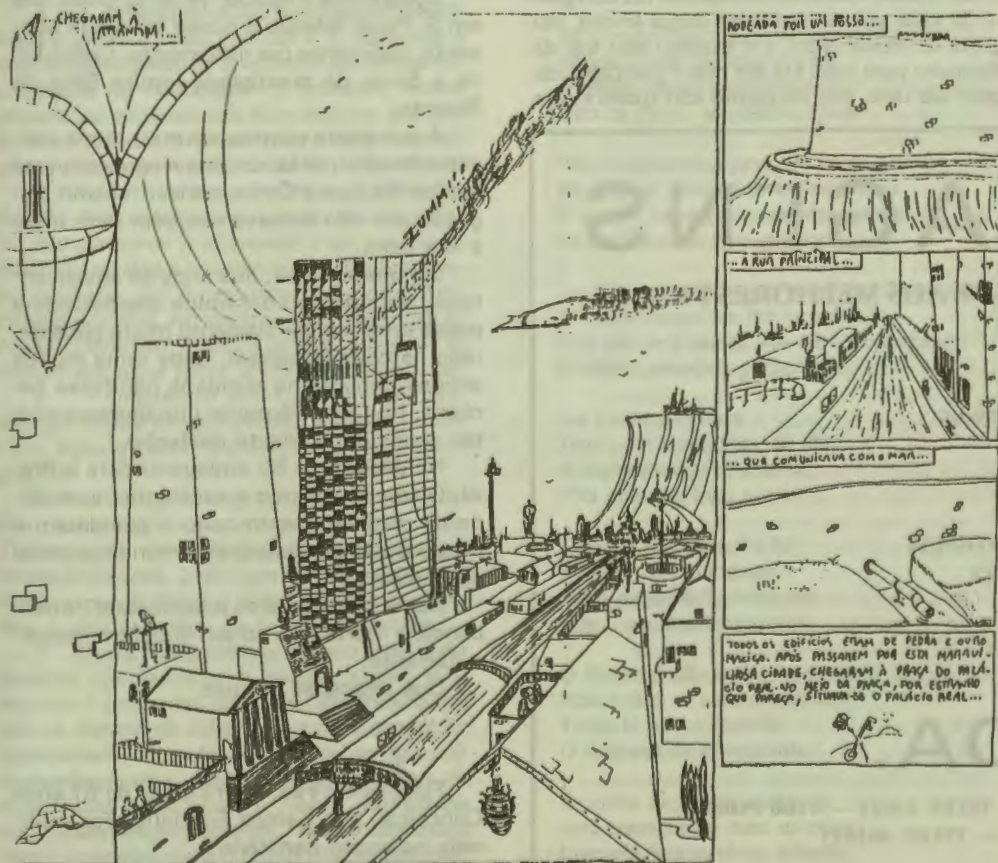
Manel era um menino traquina, como quase todos os meninos da sua idade. Amante da brincadeira e do folgado, era, porém, muito obediente a seus pais e aquilo de que mais gostava era poder acompanhá-los nos seus trabalhos de campo, onde, como seu pai, se sentia um homem. E era um gosto ver o seu entusiasmo quando, de enxada ao ombro, acompanhava seu pai na rega do milho, ou, na frente dos bois, ajudava na lavra dos campos. Era, porém, à roda das saias da mãe onde se sentia melhor. E a sua alegria quando, de foicinha na mão a auxiliava a «cegar» erva para o gado que depois, com gosto, ajudava a transportar quer em «molhos» quer em cestos feitos à sua medida, atendendo à sua tenra idade! E a sua vivacidade em atear o lume na lareira, enquanto sua mãe descasca as batatas para um caldo de couves, magro manjar que espera seu pai e seu irmão mais velho que ainda andam pelos campos e terão ainda de dar a ceia ao gado.

Poucas vezes foi à escola, o Manel. Era coisa mais p'ra ricos, naquele tempo e o Manel fazia falta em casa. Ele havia o gado e as ovelhas, um pequeno rebanho que seu pai, o Sr. João da Eira sempre teimara em possuir, sabe Deus porquê, pois que maior era o trabalho que o lucro. Cismas, porém, que a mulher — uma santa mulher,

aliás — aturava com paciência. E sempre ajudando os pais o Manel foi crescendo e aprendendo em cada dia mais um segredo na arte de ser um bom lavrador. — Um bom lavrador e um bom homem, recomendava-lhe o pai. Respeitador dos mais velhos e principalmente dos senhorios, umas senhoras que sempre os trataram bem, o mesmo tendo feito os seus antepassados ao seu pai, ao seu avô e bisavô. — Era sonho do Sr. João que o seu Manel ficasse naquela terra, a servir aqueles senhores, pois que a considerava como sua. Ali nascera, fora batizado, ali crescera e se fez homem, herdando, como rendeiro, aquela terra que de há muito vinha sendo «feita» pela família. E já que o seu filho mais velho, o Zé, irmão do Manel, tinha outras ideias na cabeça, não gostava daquele trabalho, sonhava com outras terras e outras gentes (e o Sr. João não descontinava quem diacho lhe teria encasquetado tais ideias); já que o Zé, portanto, não falava noutra coisa que não fosse em emigrar, ir para França, Alemanha ou outro sítio qualquer, ele, Manel, rapaz que gostava da terra, do gado, do cheiro dos campos, haveria de ser o seu continuador. Pena que a tropa estivesse à porta e sabia-se lá! — Antigamente, com uma «cunha» do Sr. Doutor, o senhorio, ou do seu falecido pai, ainda se conseguia livrar da tropa quem se quisesse. Até o Zé teve essa sorte! É verdade que sempre era uns anitos mais velho que ele, Manel, que tinha vindo a este mundo quando já ninguém contava com tal. Agora, porém, com essa história da guerra, ninguém escapava. E ele, Manel, iria fazer-lhe muita falta, ai se ia!

(Continua)

(Continuado)



(Continua)

PAUSA PARA SORRIR

Um casal discute. Diz o marido, muito aborrecido:

— E pensar que tu, na Igreja, quando nos casámos, prometeste obedecer-me!

A mulher responde, pronta:

— Ai, querias que fizesse ali logo uma zaragata, à frente do Padre?...

★

Numa terra em que era proibido jogos de cartas em lugares públicos. Um agente da autoridade entra numa taberna, onde estavam quatro homens a jogar, a uma mesa. Três vêem-no a tempo, e escondem rapidamente as cartas, só um é que não teve tempo de as esconder.

O guarda dirige-se a um dos homens e pergunta:

— O senhor estava a jogar cartas?

— Eu não, sr. guarda! Estava a conversar com este senhor.

Pergunta o mesmo ao outro, que confirma a resposta do amigo. Pergunta ao terceiro, que lhe diz que estava ali à espera de uma pessoa. Finalmente, pergunta ao que tinha as cartas à vista:

— Ao menos o senhor, com essas cartas à sua frente, não pode negar que estava a jogar, pois não?

— Essa agora, sr. guarda! com dois cavalheiros a conversarem, outro à espera de uma pessoa, com quem poderia eu estar a jogar?...

★

Faleceu a sogra de um indivíduo. Este, chega ao emprego, e participa ao patrão, com ar solene:

— A minha sogra deixou de falar hoje, às 11 horas...

AUTO-RETRATO

Eu sou o Zé

*Sou catavento,
pluma sem peso
ao sabor do vento
sentimental.*

*Ora do bem
ora do mal
ora consciente
ora irracional
ora dormente
ora talentoso
ora paciente
ora nervoso.*

*E, como o vento,
danço ao acaso:
ora movo os moinhos
ora searas desfaço
ora as folhas amo
ora as despedaço.*

*Sou o que os outros me vêem;
a fera que ora ama ora ataca;
e como tu, daí, me comparas
a estes versos que de mim escrevo,
quicá na procura de mais um elogio
quicá para aquecer o coração frio
do moinho do qual a vela estaca,
eu sou mais um fruto dos que a sociedade faz
e que, como os outros, no chão jaz,
entre os que as bocas deixam ou comem,
entre os colbidos pelo vento ou pelas mãos
entre os pôdres e os mais são
jazo eu, Zé, um bicho homem.*

RAIO DE SOL

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus

ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Ao chegar à roça, minha mulher esperava-me à porta da residência onde de imediato me perguntou: «Então, correu tudo bem?» «Correu», respondi, «Como não havia de correr? Eu fiz aquilo que eles gostariam que eu fizesse».

Minha mulher mostrou-se feliz com a resposta, mas eu não me sentia nada satisfeito, pois gostaria de ver castigados os responsáveis pelo assassinato.

Por volta das três horas da tarde, apareceu lá o Manuel Corocóge. Fiquei muito surpreso, quando ele se me dirigiu: «Patrão, podes ir à cantina?» «O que é que tu queres da cantina?» perguntei. «Queria beber» respondeu. Observei-o por momentos e depois segui para a cantina acompanhado pelo visitante. «O que é que tu queres beber?», perguntei já dentro do balcão. «Meio litro de vinho», respondeu.

Servi-lhe o vinho e enquanto este saboreava a bebida, fiquei a observá-lo. Eu não tinha dúvidas de que o Corocóge veio ali, certificando-se de que tudo estava bem e que o problema já estava arrumado.

Passados os primeiros momentos, dirigi-me para ele e disse-lhe: «Corocóge?». Este pousou a caneca e olhou para mim: «Eu sei que vocês mataram o Francisco e também sei que tu deves estar envolvido nisso; mas eu não quero criar problemas ao povo de Karaka, já que somos aqui vizinhos, e muito menos aos trabalhadores que aqui trabalham. Por isso dei o caso por encerrado». «Obrigado, Patrão», respondeu. «Mas eu quero dizer-te uma coisa: Matar só Deus tem esse direito e ninguém mais o deve fazer». «Está bem», respondeu. Acabou de beber o vinho, pousou a caneca, despediu-se e saiu.

Pela tarde muitas mulheres e homens do Kaiaka dirigiram-se para a Roça para fazerem as suas compras, sinal de que tudo tinha regressado à normalidade. O povo tinha regressado à aldeia e vinha agora à Roça para fazer as suas compras.

Mas tudo aquilo tinha um significado: eles

queriam demonstrar a sua gratidão por eu não lhes criar problemas.

Alguns homens no canto do balcão, bebiam e conversavam. O enfermeiro bebia junto com eles e todos faziam questão de oferecer-lhe uma bebida. Este, por sua vez, tentava retribuir, mas os Kaiakas não o permitiam. Eles naquele dia estavam bastante contentes, pois o enfermeiro, tinha feito o exame ao corpo muito ao agrado deles. Por isso ele bem merecia umas bebidas e, como tal, todos queriam oferecer-lhe de beber.

Naquela tarde houve grande movimento, sobretudo dos Kaiakas, uns que chegavam e outros que partiam. Enfim a vida retomava o seu curso normal.

No dia seguinte todos os trabalhadores do Kaiaka se apresentaram ao serviço. Depois do pequeno-almoço, fui levar as minhas filhas à escola. De regresso, entrei no escritório, onde comecei a pôr papéis em ordem.

Pouco depois apareceu à porta o enfermeiro. «Sr. Ramos, posso entrar?» «Entra, Lourenço.» Este entrou e encostou-se à porta do escritório. «Então, o que há?», perguntei. «Eu já sei como as coisas se passaram no Kaiaka», respondeu o enfermeiro: «mas o Sr. Ramos não me pode deixar mal pois se eles sabem que eu contei aos brancos, eles matam-me também. «Prometo que nada direi», respondi. «O Sr. sabe perfeitamente que os pretos não gostam que os brancos interfiram nos seus assuntos; eles querem fazer a justiça que entendem sem que os brancos se metam». «Está bem», respondi. «Mas a intenção dos brancos é evitar que cometam barbaridades, e que se comportem como seres humanos e não como bichos». «Eu sei», respondeu o enfermeiro, «mas ainda vai levar muitos anos, até eles compreenderem isso». «Bem, então conta lá como as coisas se passaram». «O Sr. Ramos conhece bem a Madalena, a mulher do Manuel Corocóge e certamente sabe que ela é diferente das outras mulheres da Sanzala; ela não gosta da vida que as mulheres daqui levam, ela gosta de vestir bem, e o marido não lhe dá dinheiro para isso. Dá-lhe mas é pancada; ela quer sair dele, mas enquanto não aparecer um

homem que pague ao Corocóge o alombamento que ele pagou por ela, ela é obrigada a viver com ele, mas o pior é que ele quer receber por ela três vezes mais do que aquilo que pagou. Isso não é muito justo, mesmo dentro dos princípios gentílicos, mas como todos têm medo do Corocóge, ninguém se atreve a contestá-lo. Ela por sua vez não gosta dele e por vezes o resultado é o que está à vista». O enfermeiro calou-se por momentos e pareceu ter ficado indeciso.

«Bem», respondi eu, «e onde é que o Francisco entra nessa história?»

— O Francisco e a Madalena — continuou o enfermeiro — parece que fizeram ...bem... o Sr. Ramos já entende. O pior é que o Corocóge soube, e exigiu dois mil escudos para pagar o Kituxe; mas o Francisco não tinha esse dinheiro e disse que só poderia pagar na colheita do café. Mas o Corocóge não estava disposto a esperar e pediu para reunir o Conselho das Autoridades Gentílicas presidido pelo Soba e todos os Makotas que são os ajudantes do Soba.

Como o Sr. Ramos sabe tudo o que estes homens resolvem é lei. Então mandaram chamar o pai do Francisco e deram-lhe conta do resultado da reunião, em que tinha decidido que o Corocóge tinha razão e por isso o filho tinha que o indemnizar em dois mil escudos.

«O teu filho diz que não tem o dinheiro, portanto, tu és o pai, tens que resolver. Queres pagar?» O velho Mutangue sabia que se não pagasse o que aconteceria ao filho; mas ele também não tinha o dinheiro, e disse que só na colheita poderia pagar. «Isso não pode ser» respondeu o Soba. «O Corocóge não quer esperar até Outubro». «Mas eu agora não tenho dinheiro», respondeu o velho. «Nesse caso», concluiu o Soba, «o teu filho terá que ser morto». O velho Mutangue ficou por momentos a pensar, e depois disse: «Pois está bem, matem-no».

FALECIMENTOS

Chegou-nos a notícia, vinda do Brasil, que em S. Paulo faleceu o nosso estimado assinante, riotintense por nascimento, Carlos Faria e Silva, da prestigiada família Silva de Riotinto.

A sua morte ocorreu em meio duma conversa familiar, aliás, de uma alegre conversa em família, que o Carlos era isso mesmo: folgazão que não deixava ninguém ficar triste à sua beira.

Em tempos idos, nos anos da sua juventude, frequentou com muita assiduidade a nossa terra, sendo elemento muito considerado na colónia balnear, onde tinha muitos amigos, embora na realidade não fosse banhista. No Clube Fãozense protagonizou muitas cenas de hilariante desfecho.

Na década de 50 embarcou para o Brasil. O seu dinamismo e excelente capacidade de relacionamento cedo o guindaram a uma posição de destaque no mundo negocial de S. Paulo.

Numa fase que já se poderia dizer de descansa, a morte veio ao seu encontro inesperadamente.

Que descansa em paz.

Faleceu em Fão, com a idade de 67 anos Conceição dos Santos Sobrinho. Foi enterrada no nosso cemitério.

A todos os familiares os nossos pêsames.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

FARPAS DE ESCÂRNIO E BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

• O balanço das nossas festas — do Senhor de Fão — é altamente positivo, sobretudo se tivermos em conta a proximidade de outras festividades e do tempo frio e ventoso que se fez sentir.

• A Comissão, é justo que se saliente, merece os aplausos de todos os fangueiros porque cumpriu, não desmerecendo de anos anteriores onde os subsídios eram mais avantajados e se «dizia» que só com subsídios «oficiosos» se poderiam fazer as festas. O contrário provou-se. Fão não se hipoteca facilmente. está demonstrado.

• O jardim de flores — O tapete do Templo — da autoria dos irmãos Matias estava bonito, bonito. Com arte, gosto e muito clássico tal como a música de fundo e ornamentação do interior da Capela. Não era de esperar outra coisa, pois já têm fama não só os artistas como os tapetes que enobrecem o Mosteiro.

• O fogo-do-rio esteve invulgar. Para muito melhor. A noite ajudou. Bom tempo.

• Os jovens académicos da Católica Portuense foram um êxito. Para além de trazerem muitos forasteiros a acompanhá-los — sobretudo forasteiros — mostraram como se faz espectáculo sem se ser profissional. Gostámos muito e os textos de revista fangueira encheram os corações de alegria e os olhos de lágrimas aos nostálgicos... a lembrar o «Fão Antigo». Bem bajam por terem vindo de «borla e à boleia». Assim é que é gostar ou começar a gostar de Fão! Para o ano cá os esperamos.

• As Marchas, de ano para ano, trazem à nossa terra muitos forasteiros. O frio não arrefeceu o entusiasmo. Para o ano, é preciso que as Pedreiras se façam representar.

• Já que falamos em «para o ano...» consta-se que esta Comissão se despediu. Não foi despedida. É pena! São bons festeiros.

E, deixava aqui algumas sugestões, que não são «farpas» para os Comissionáveis:

1.º — Proibição total do trânsito motorizado entre a casa Lai-Lai e a Alameda e seus acessos laterais. O «Chefe» não teria necessidade de «sinalizar» o trânsito, como aconteceu na noite das Marchas em que automóveis se misturaram com a movimentação e exibição, na Avenida do Cortinhal.

2.º — Aproveitar a 2.ª-Feira da Páscoa para a dedicação aos poeiros, trazendo-os, ao fim da tarde à alameda e ao centro de Fão, já que lhes é tradicional o pique-nique no pinhal e, daí à organização de um programa poeiro, no centro, não seria difícil. Faria lembrar a época dos «Clamores Poveiros» dos anos vinte, ao Senhor Bom Jesus.

3.º — Organizar subcomissões que dessem às Festas um programa cultural mais rico: espectáculos; exposições; feira; etnografia.

4.º — Exigir e implicar na realização das Festas quer a Sopete quer a Com. Reg. Turismo do Alto Minho. Que, embora já participem, precisam de dar às festas mais nome, junto dos seus clientes e marcar a sua presença de forma objectiva.

• Ainda integrado no espaço festivo da quadra «Queimou-se o Judas». Como não morreu à primeira, teve uma queimada tripla. A Frente de Libertação do Ramalhão «queimou-o» sob a forma in...fiel amigo, sob a aparência de i...legalidade mas de boa-fé. Num texto dialogado, o Judas, derrotado nas «eleições-julgamento da Palestina», transplantadas para o Largo dos Bombeiros, legou aos «amigos» não esquecendo o Quim

de Fão, carências e necessidades, acusações mais ou menos maldosas e sob o manto da fantasia foi dizendo «verdades» que noutras ocasiões dariam processo no Tribunal do Povo. Assim é que é! Para a frente... com a libertação do Ramalhão. Não vos deram as casas — todas — por sorteio, traíste o vosso voto. Frontalidade, boa gente. Como a do Quim e não é do Ramalhão... mas é de Fão.

Depois, queimou-se o Judas tradicional. Um «espantalho» para afogentar os maus espíritos e este, mais moderado, um pouco medroso, legou algumas «ninbarias» aos vizinhos e familiares. Um Judas pacífico a pedir perdão por ter destronado o seu mais directo opositor.

Boas quadras, algumas de rima forçada, com gosto e «despimentadas». pouco fangueiras.

Um terceiro testamento, quase clandestino, andou de mão-em-mão. Esse, sim. Não tinha pimenta. Tinha piri-piri. Valeu a pena. Este espectáculo é interessante e começa a ganhar raízes. É certo que por vezes, os atingidos não gostam. Mas como se trata de uma brincadeira de «judas» não vamos traír os nossos ideais só porque se põe a mão nas feridas, desta maneira.

Respigando alguns nacos de texto dos três testamentos, sobretudo dirigidos àqueles que não assistiram, os nossos emigrantes, aqui ficam os legados...

Nasci para ser amado,
Nesta terra muito querida,
Mas mais depressa que o esperado,
Acabei por levar uma corrida.

Lutei e fiz promessas:
Assisti a missas, procissões e enterros;
Entreguei consoadas, concedi benesses,
Traidores, rogo-vos: dai-me o desterro!

Ao Comandante que também é Presidente
Alguna coisa lhe quero legar
A minha mangueira decadente
Para os fogos, no pinhal, apagar.

Não esquecerei a Junta de Freguesia:
Presidente, Secretário e Tesoureiro
E aos da Assembleia também queria
Deixar-lhes um belo poleiro.

Ao «Quim de Fão» que mora em Esposende
O Novo Fangueiro lhe vou deixar
Mas não se esqueça, em jeito de Farpas,
A minha memória perpetuar.

Ao irmão socialista
Deixo-lhe a bandeira do PSD
A expulsão esteve à vista...
P'ra próxima logo se vê!

Deixo a Pastelaria Pã-Pã
A todos os saudosistas
Junta na sombra, novo clã
Mas... continuaí bairristas.

O Hospital não será esquecido
Mais todos os seus mandantes
Toma lá Nevea querido,
O diploma de governante.

A minha saca bem recheada
Será entregue ao meu sucessor,
Com ela farás obras adiadas,
Tornará Fão mais promissor.

O Mercado deverá reformular
Mas reconhecamos: Eu fui o da ideia!
Uma placa s'instale para me recordar
E, se possível, uma candeia.

Não me foi possível, a tempo de publicação, «conquistar» os outros testamentos. Estes extractos pertencem ao «vive valeque», que me foi enviado pelo correio, sem remete, mas como se trata de um testamento de Judas e porque circulou, permiti-me publicá-lo.

— Uma lufada de «notícias» vem arejar o progresso iminente da nossa terra. A Câmara está atenta e vai «pagar» o que prometeu no seu programa eleitoral. Ouvi dizer; não sou porta-voz...

• Entretanto, vou lembrando da necessidade do arranjo e urbanização da nova avenida perpendicular à Alameda do Senhor Bom Jesus.

• A implantação urgente do Pavilhão Desportivo nessa zona bem como do Clube Náutico de Fão.

• A necessidade do aproveitamento do chalé da Alameda e sua transformação turística. Não o deixem destruir! Nem mais uma fachada na nossa terra. Toquem-se os sinos... se necessários... como em Apúlia. Lembrem-se?

• A necessidade de reabertura do Posto de Turismo na Avenida da Praia, com informações e informadores da «cinco estrelas».

• A necessidade de reactivar a Biblioteca, no local onde se encontra ou noutra mais conveniente.

• Houve Assembleia de Freguesia. Apresentação de planos, orçamentos e outras coisas mais. Houve justificação de despesas da anterior Junta de, se não ilegalidades, pelo menos dinheiros desorçamentados e investidos de boa-fé. Como a boa-fé é quanto basta para nos justificarmos. Também foi sempre com Boa Fé que lutei e luto pelo melhor para Fão; e também dentro da legalidade jornalística. O comentário ao plano de actividades será feito numa próxima oportunidade, que passou aprovado, como já era de esperar. Zangam-se, mas gostam todos da terra, estes autarcas. Só não podem estar no poleiro porque lhes fazem mal as «alturas». Têm e sofrem de vertigens. Compreende-se. Não são bombeiros.

RESULTADOS DO 1.º TRIMESTRE DE 1990 DO BCI

No primeiro trimestre de 1990, o Resultado Bruto (Cash-Flow) do BCI atingiu 1516 milhares de contos e o Resultado do Exercício (antes de impostos) foi de 1173 M.C., valores que reflectem um crescimento da ordem dos 55% face aos resultados homólogos do ano anterior.

Em paralelo, a Rentabilidade dos Capitais Próprios (antes de imposto) aumentou de 21.4% para 28% em consequência do crescimento da actividade do BCI, e da manutenção de elevados níveis de produtividade dos seus meios de funcionamento.

Como medida daquele crescimento, nomeadamente no tocante à captação de recursos junto da clientela, salienta-se que o total de Depósitos em 31 de Março de 1990 se situava em 41,3 milhões de contos (mais 60% que em 1989). Com um Crédito de 47,9 milhões de contos (mais 14,5%), o Activo Total Líquido atingiu 92,1 milhões de contos, ou seja, mais 44% que no ano anterior.

Na continuação do seu plano de desenvolvimento, o BCI abriu desde o início do ano, mais três balcões, em Aveiro, Fátima e Gonçalo, tendo actualmente 23 balcões em funcionamento.

CANOAGEM

O Clube de Fão conseguiu a sua melhor posição de sempre no Campeonato Nacional de Clubes, que se realizou na Lagoa de Óbidos, no passado dia 1 de Abril, ao classificar-se na 3.ª posição entre 30 Clubes presentes.

16 atletas fangueiros participaram nesta prova máxima do calendário federativo deslocando-se para a linda vila de Óbidos no dia anterior à prova, ficando instalados numa residencial, com todas as despesas a cargo do clube, o que expressa as dificuldades que este por vezes sente para conseguir suportar financeiramente uma época desportiva.

Brilhantes foram os títulos individuais conseguidos por Carlos Silva e José Ferreira em C1 enquanto Belmiro Penetra, em abajamento de forma, não conseguiu vencer António Monteiro na prova de juniores.

De relevo o 3.º lugar conseguido por Luis Sousa Logo a seguir a Monteiro e Penetra, 2 jovens que estiveram presentes no Mundial no Canadá em 1989.

Lázaro Penetra, Emílio Araújo, Carlos Vieira, em seniores, tiveram posições de relevo importante para a classificação colectiva. Lúcia Lagoela, Mónica Oliveira, Sónia Gaifém e Sandra Moreira deram também grande contributo para o êxito do clube. Nos mais jovens os infantis Hugo Moreira, Alberto Ferreira e Artur Hipólito fizeram uma óptima prova conseguindo pontos importantes.

Também no passado dia 22, dia maior das Festas de Fão, os jovens fangueiros participaram na 1.ª Prova do Campeonato Nacional de Maratona em Prado.

De realçar o esforço de Lázaro Penetra que liderou a prova quase até final (37 Kms) e as vitórias importantes de Carlos Vieira em C1, que pretende renovar o título nacional conseguido o ano anterior e de Luis Sousa, um júnior que pretende ser Campeão Nacional de Maratona na presente temporada.

BELMIRO PENETRA NO ESTRANGEIRO

Belmiro Penetra é sem dúvida a grande esperança da Canoagem Portuguesa.

Conforme relatamos, o Campeonato Nacional de Fundo (de Clubes) não correu da melhor forma para este atleta ao não conse-

guir vencer o seu adversário e companheiro de embarcação a nível de Seleção Nacional e vice-campeão do Mundo (em K4) António Monteiro.

Belmiro Penetra recuperava ainda de uma forte gripe que o atacara 15 dias antes da prova e ele próprio nos confessava que não teria qualquer hipótese, embora a vitória do seu adversário fosse muito discutida até final.

De realçar que durante a prova, Penetra preocupou-se bastante em apoiar o seu colega de equipa, o jovem Luis Sousa, que conseguiu a 3.ª posição, o que é de realçar.

A nível de Seleção Nacional foi efectuada recentemente um controle de selecção com vista à participação em provas no estrangeiro.

Belmiro Penetra, já em plena forma, deu nas vistas e embora Júnior (1 ano) já demonstrou que o seu único adversário é agora José Garcia, o português olímpico de Seul e com 26 anos de idade.

O Jornal de Notícias deu grande relevo aos resultados conseguidos por Belmiro Penetra e afirmou mesmo que é hoje um dos melhores juniores do mundo.

Entretanto o jovem fangueiro nas primeiras 3 semanas de Maio participa em Provas importantes na Bélgica, Bulgária e Checoslováquia.

No próximo número relataremos com pormenor sobre a sua participação nestas provas esperando êxitos importantes.

NOITE

*Noite bendita, minha doce irmã,
Envolta numa veste misteriosa...
Adormeces a fresca e bela rosa
E dás à luz a límpida manbã.*

*Tens murmúrios, gorjetos, melodias,
Vindas dos arvoredos, dos açudes,
E a meus ouvidos chegam harmonias
De lírios, sonoras alaúdes.*

*Pairam no espaço, luzes cintilantes,
Lágrimas quentes, lúcidas do céu,
E há músicas celestes, cambiantes
Espalhadas ao longo desse véu.*

*Através do rosasal dessas estrelas
Vem a lua sorrindo de brancura...
Mágica e luminosa partitura
Por onde tocam doces filomelas.*

*Traz o vento nocturno esse perfume,
Mensagem dumas filbas da roseira,
E os suspiros dos grilos na clareira
São barbas ao luar feitas de lume.*

*E há cochichos de lírios e jasmíns,
Conversas em surdina no pomar...
E uma alegria imensa nos jardins
Onde sonham corolas ao luar.*

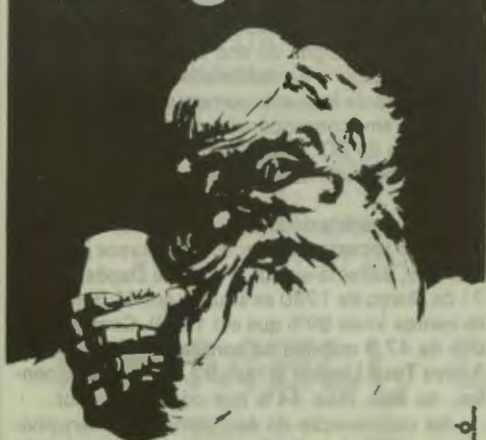
*E baila e canta o mar na prata infinda...
E há beijos brancos, cálidos na areia,
E penso ouvir as vozes de sereta
Ao longo da safira azul e linda.*

*E fico longamente a meditar
Nos astros, no luar, no céu imenso,
Onde o meu coração anda suspenso,
Envolto numa luz doutro luar.*

PAGARAM A ASSINATURA

1986 — Dr. Jose Alberto Costa e Silva, Esposende, 500\$00; Sebastião Gonçalves Dúvier, Porto, 1000\$00. 1986/87/88/89 — Manuel Estêvão de Oliveira, Braga, 2000\$00; Eog. Fernando Ribeiro da Silva, 2000\$00; Manuel Sequeira Mendonça, Porto, 2000\$00; Manuel Gonçalves de Carvalho, Vigo, 2000\$00. 1986/87/88/89/90 — Valdemar Faria, Fão, 2500\$00; Manuel da Cruz Pimenta, Esposende, 2500\$00. 1987 — António Gomes Lopes, Fão, 500\$00; António Francisco Oliveira Carneira, Fão, 500\$00; Arlindo Lopes Cardoso, Fão, 500\$00. 1987/88/89 — Mário Fernando Cardoso e Silva, Brasil, 3000\$00; Manuel José Ferreira, Fão, 2000\$00; Arg. Júlio de Oliveira, Fão, 3000\$00; Arg. Júlio Alves José Cardoso Oliveira, Fão, 1500\$00; Companhia Brasileira de Tecido, Brasil, 3000\$00; Eng. Miguel Cardoso e Silva, Lisboa, 1500\$00. 1988 — Eng. Pedro Manuel Carvalho de Matos, Porto, 600\$00; António Soutelo, Fão, 500\$00. 1988/89 — Conf. Canadá, Apúlia, 1000\$00; Dr. Rui António F. de Agonia Pereira, Lisboa, 1000\$00. 1988/89/90 — Ernestino Alves Magalhães, Fão, 1750\$00; 1989 — Américo Carvalho, França, 1000\$00; D. Virgínia Alves Carvalho, Póvoa, 500\$00; Manuel Boncinha Fernandes, Apúlia, 1000\$00; Farmácia Apuliese, Apúlia, 500\$00; Félix Leite, Brasil, 1000\$00; Rufino Soares, Fão, D. Isolina Fonseca Gonçalves, Fão, 500\$00; Rui Laurentino Guimarães Pedrosa, Fão, 500\$00; Artur Moledo, Brasil, 1000\$00; Paulo Jerónimo de Vale Sobral, Estoril, 500\$00; Francisco Fernando Faria da Silva, Braga, 500\$00; Raul Gonçalves Calafate, Fão, 500\$00; Avelino António Santos Graça, Apúlia, 1000\$00; Prof. D. Zelmira Borda Rodrigues, Fão, 500\$00; Manuel Santos do Vale, França, 1000\$00; D. M.ª Fernandes da Fonseca, Brasil, 1000\$00. 1989/90 — Emídio Real do Morais, Fão, 1250\$00; Albino Martins Dias de Faria, Lisboa, 1000\$00; Manuel Sá Leites, Fão, 1500\$00. 1990 — D. M.ª de Lurdes Mendes Soares, Fão, 1000\$00; Manuel Miranda Trindade, Apúlia, 500\$00; Dr. Joaquim de Barros Peixoto, Esposende, 1000\$00; Prof. António Jerónimo Barros Peixoto, Fão, 1000\$00; Júlio Graça do Vale, Fão, 750\$00; Comandante Carlos Bacelar Pires, Braga, 750\$00; José Augusto Oliveira Pinto de Queirós, Lisboa, 1000\$00; Óptica Oliveira, Braga, 1000\$00; Dr.ª D. Rosália Teixeira, Porto, 6000\$00; Sebastião Martins Moutinho, Porto, 1000\$00; Teclialgo, S.A. Porto, 1000\$00; António Teixeira Dias, Fão, 750\$00; Alfredo Palmeira Machado, Fão, 750\$00; Cândido Teixeira, Brasil, 1000\$00; Júlio Morgado, Gronoble, 1000\$00; José Ramos da Silva, Fão, 750\$00; Auly Cabeleiros, Fão, 750\$00; D. Maria de Lurdes Santos Serra, Fão, 750\$00; Rafael Maciel Oliveira, Porto, 750\$00; Dr. Abílio Marques, Porto, 750\$00; Dr.ª Georgina Emília Carneiro, Porto, 750\$00; António Gaifém, Fão, 750\$00; Arlindo Moreira Fernandes Cruz, Porto, 1000\$00; Cândido Gaifém da Costa, Matosinhos, 750\$00; Ateixo Manuel Fortes Ferreira, Braga, 1000\$00; José Francisco Torres Fernandes, Fão, 1000\$00; D. M.ª Augusta Gonçalves Moledo, Fão, 500\$00; José Martins Correia, Espinho, 800\$00; Manuel Barante de Oliveira, Porto, 750\$00; Café Sport, Fão, 1000\$00; António Gomes, Brasil, 1000\$00; Ernestino Machado do Vale, Fão, 750\$00; José de Sá Pereira, Fão, 750\$00; Rui Manuel Gaifém Soares, Fão, 750\$00; Fernando S. Pedras, Fão, 750\$00; João Soares, Fão, 750\$00; Dr. José Novais, Fão, 750\$00; João Francisco Fernandes, 1000\$00; António Manuel Andrade Monteiro, Fão, 750\$00; Jorge Santos, Porto, 1000\$00; D. M.ª Armanda Pereira Santos, 1000\$00; José Sá, Porto, 1000\$00; Pã-Pã, Fão, 750\$00.

Longa Vida



o que é bom da natureza

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA BATATEIRA

(Continuado do número anterior)

Pode registar-se, a título elucidativo, que um batatal com uma produção da ordem das 25 a 30 toneladas por hectare extrai da terra, em valores médios susceptíveis de oscilações consideráveis, 150 a 200 quilos de azoto, 40 a 60 quilos de anidrido fosfórico e 350 a 420 quilos de potassa.

De acordo com o maior ou menor fundo

de fertilidade do terreno de cultura, que se deve sempre conhecer bem através duma análise da terra, define-se a fórmula teórica média de fertilização. Na prática, a experiência permitirá os ajustamentos necessários para uma mais perfeita correcção.

Os adubos minerais podem ser aplicados:

a) em bloco, precisamente antes da plantação, nos últimos trabalhos de preparação do terreno para a sementeira;

b) em duas épocas, o fósforo e o potássio com o estrume durante o Inverno e o azoto, por vezes complementado com mais algum fósforo e potássio, antes da plantação;

c) também por duas vezes mas, na primeira, o fósforo e o potássio e parte do azoto antes da plantação; na segunda, o azoto em cobertura, durante uma das amontoas.

O adubo pode ser espalhado por todo o terreno e enterrado. Mas o modo mais correcto é a sua aplicação a cinco centímetros de distância de um e de outro lado da linha de sementeira e a cinco centímetros de profundidade. Este método pode ser executado facilmente à máquina com plantadores adequados que enterrem simultaneamente os fertilizantes.

Emprego dos estrumes e da adubação verde

Uma vez que o emprego de estrumes é importante para a rentabilidade da cultura da batata poucas vezes se fará essa cultura sem a aplicação de doses maiores ou menores de estrume ou de qualquer matéria orgânica que o possa substituir.

O estrume, quando bem decomposto, pode empregar-se em doses de 30 a 50 toneladas por hectare antes da plantação mas, é sempre de preconizar o espalhamento e o enterrado do estrume no Outono para fazer

beneficiar a terra no máximo pela sua aplicação.

Nas regiões mais quentes do País as reservas orgânicas são mais facilmente utilizáveis devido a uma decomposição mais rápida e intensa.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges 812199 BARCELOS

Na falta ou no diminuto recurso a estrumes, por escassez destes, pode usar-se uma leguminosa para sideração. Em terras arenosas mais pobres usa-se bastante o tremço que se semeia após um cereal e que se enterra no Outono. As ervilhacas e os trevos são também vantajosos.

Emprego de adubos azotados

O azoto é absorvido ao longo de todo o período de crescimento da planta mas de forma mais intensa quando o desenvolvimento foliar inicia a sua máxima expansão ou seja quando as plantas tenham de 15 a 20 centímetros de altura o que ocorre entre 50 a 80 dias após a sementeira.

É sob a forma amoniacal — sulfato de amónio, nitrato de amónio, ureia, etc. — que o azoto é mais vantajoso para a batateira.

Em terras ricas e estrumadas não se ultrapassarão quantidades de 250 a 400 quilos de adubos azotados activos por hectare. Além disso tenha-se presente que as variedades temporãs exigirão os teores mais elevados enquanto que as tardias, as doses mínimas. 80 a 100 unidades de azoto para as variedades precoces e 30 a 40 para as variedades tardias são valores a reter. Obviamente as variedades de meia-estação terão o seu óptimo entre 50 a 70 unidades.

A adubação foliar com ureia aplicada conjuntamente com caldas antiparasitárias dá bons resultados na produção de batata de consumo. Aconselham-se duas a três pulverizações de 15 a 20 quilos de ureia em 500-900 litros de água por hectare.

Emprego de adubos fosfatados

Tal como o azoto, o fósforo é absorvido



Basta[®]

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

Apartado 6 2726 Mem Martins Codex
Telefone 9 21 21 60

Filial: Av. Sidónio Pais, 379
Apartado 1311
4201 Porto Codex
Telefone 66 70 51

Hoechst - um amigo
na agricultura

Hoechst



(Continua na pág. 10)

BATATA - SEMENTE

VARIEDADES COMERCIALIZADAS EM PORTUGAL

- LOLA** — Precoce, amarela, muito boa qualidade culinária
- ROSALIE** — Vermelha, semi-precoce, boa conservação
- APOLLO** — Muito precoce, amarela, boa apresentação
- CLAUSTAR** — Semi-precoce, amarela, boa conservação



- COMPARE A QUALIDADE
- COMPARE O RENDIMENTO
- PRODUZIDA EM FRANÇA

(Continuado da pág. 9)

ao longo de todo o ciclo de vida das plantas e de modo mais rápido no período de maior desenvolvimento da rama.

Escolhem-se de preferência os superfosfatos que se espalham no momento da preparação definitiva da terra à razão de 400 a 500 quilos por hectare. Em solos pobres recorre-se mesmo a quantidades superiores.

As escórias de desfosforação são preferíveis em terras a que falte o cálcio (600 a 800 quilos por hectare).

Emprego de adubos potássicos

O potássio é absorvido em grande quantidades pela batateira favorecendo a formação de tubérculos grandes. O cloreto de potássio pode ser empregado mas o sulfato do mesmo metalóide é mais vantajoso na maioria das terras devendo ser aplicado à

razão de 200 a 300 quilos por hectare.

A deficiência de potássio mata a cultura prematuramente em detrimento da população e manifesta-se por uma cor verde-escura das folhas, por vezes acompanhada de um tom bronzeado. Os tubérculos destas plantas apresentam uma cor cinzento-azulada sob a pele.

O cálcio e o magnésio

O cálcio e o magnésio são os dois elementos que, além dos fundamentais podem ter alguma influência na cultura da batateira.

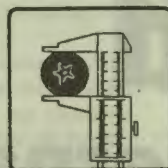
A aplicação directa da cal para esta cultura é pouco recomendável, embora as produções não sejam grandemente afectadas e, por vezes mesmo um tanto melhoradas, os tubérculos que se formam após uma calagem recente são rugosos. Assim, qualquer correcção cálcica, para atenuar um excesso de acidez ou uma deficiência deste elemento, deve

ser feita com bastante antecedência. O magnésio, embora seja absorvido em pequenas quantidades, pode por vezes encontrar-se em quantidade assimilável deficiente e dar origem a quabras na produção pelo facto de ser um elemento essencial na



formação da clorofila. Aquela deficiência manifesta-se de forma bastante característica, na batateira. As folhas mais velhas tornam-se necróticas entre as nervuras enquanto os bordos das folhas se mantêm verdes. Combate-se a carência de magnésio com a aplicação de sulfato de magnésio, conjuntamente com os adubos ou em pulverizações sobre as plantas em soluções a 2 ou 4%.

CALIBRADORES DE FRUTA



MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

OUTRORA A AGRICULTURA
ERA FONTE PRINCIPAL
DA RIQUEZA DE UM PAÍS.
NÃO CONTINUARÁ A SÊ-LO?

(Continua no próximo número)

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

...E OS HOMENS DERAM-SE AS MÃOS!

Aconteceu em Cléguerec, na Bretanha (França). Seis jovens portugueses, naturais da Ilha da Madeira, emigrantes clandestinos, com idades compreendidas entre os 17 e os 23 anos, tiveram que comer da erva destinada ao gado vacum, para sobreviverem.

O caso veio noticiado em jornais diários e semanários e conta-se em poucas palavras:

Ezequiel, jovem madeirense, ganhava cinquenta contos por mês. Um cunhado emigrado em França, vindo à terra a férias, há cerca de um ano, convenceu-o a ir com ele pois, como lembador, poderia ganhar cem contos ou mais. Ele foi. Arranjou emprego a ganhar cinco mil francos (cerca de 125 contos/mês).

Só que o patrão apenas lhe pagava o indispensável para a sua subsistência, guardando o resto na sua mão. Teve que concordar, pois não estava em posição de discutir condições, mas a verdade é que, quando, em Agosto quiz ir à Ilha, o patrão pagou-lhe tudo que detivera em sua posse. Na terra, tanto ganhou a sua sorte, que acabou por aliciar dois cunhados, um primo, um amigo e a sua própria esposa. Todos o acompanham.

O Patrão empregou os outros quatro jovens, enquanto a mulher do Ezequiel, Zélia, tratava das lides domésticas. Como de costume, o patrão só lhes pagava o indispensável, guardando o restante. Isso não os preocupava, pois o Ezequiel tinha recebido o restante na hora própria e, embora em alojamento precário e trabalhando de sol a sol, viviam contentes.

Mas, como diz o povo, «não há bem que sempre dure». Um dia, a fiscalização detectou-os e intimou o patrão a legalizar-lhes a situação. Este, então, despediu-os, expulsou-os do alojamento e não lhes pagou nem o dinheiro «guardado» nem qualquer indemnização. Para mais, os seis madeirenses receberam intimação para abandonarem o país dentro de trinta dias (fins de Janeiro deste ano). Não acataram tal decisão, pois a sua esperança de futuro está em França.

Começou então a tragédia: sem tecto, rapidamente esgotado o pouco dinheiro que possuíam, passaram fome e frio, vaguearam, desorientados, até que tiveram conhecimento da existência de uma portuguesa, há muito radicada na região, Madame Leal, que, compadecida, os encaminhou para o Pároco de Cléguerec, que os acolheu, dando-lhes guarida no Presbitério.

Gerou-se, então, uma corrente de solidariedade: comida, vestuário, ofertas de trabalho para quando legalizados, tudo começou a chegar à Casa Paroquiana. O próprio «Maire» aderiu e está a procurar regularizar-lhes a situação. Em Cléguerec, todos gostam dos seis jovens e setão dispostos a ajudá-los.

O prazo do documento que autoriza a sua permanência em França termina em 13 deste mês de Abril. Conseguirá, até aí, resolver-se o angustioso problema dos jovens clandestinos? Temos fé que sim.

Quando, perante a desgraça alheia, os homens se dão as mãos, dessa união resulta uma força imparável, capaz de

remover montanhas. Por isso acreditamos que esta montanha vai ser removida. Acreditamos que, no fundo do coração de quem vai decidir, brilhará uma luzinha de compreensão e tolerância que humanize o rigor da Lei.

Este caso tocante, sobretudo a atitude dos habitantes de Cléguerec, gera em nós um sentimento de consoladora certeza: a de que, cada vez que uma pessoa ou uma comunidade se torna sensível aos problemas alheios, enquanto que casos como este continuem a acontecer, o Mundo não está perdido.

Uma luzinha de Fraternidade brilhará, cada vez mais nítida e mais forte, no fundo do túnel que todos percorremos obrigatoriamente: - o túnel que é a Vida de todos nós.

N.A. — Este artigo destinava-se a ser publicado no Jornal do mês passado, mas cremos não ter perdido oportunidade, pois ainda não chegou ao nosso conhecimento a solução dada ao caso de que trata.

NASCIMENTO

O casal Manuel e Manuela Vieira teve o seu rebento. É uma menina, Diana é o seu nome, nascida em 11 de Abril, sob o signo de Carneiro, portanto. Como filha de peixe sabe nadar, apostamos que nasceu mais uma canoista na terra de Fão.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

TRIÂNGULO JOTA

UMA COLECCÃO NOVA
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



ESPOSENDE

NOTÍCIAS VÁRIAS

A POLUIÇÃO DO RIO CÁVADO

O Lions Clube de Esposende, promoveu no passado dia 21, um colóquio sobre um dos problemas mais graves que afligem as gentes ribeirinhas e demais utilizadores que Cávado, ganham o seu dia a dia, se banham, ou utilizam as suas águas para a alimentação.

A sessão foi esclarecedora e bem conseguida, ficando-nos com uma certeza; o rio Cávado vai ser cada vez mais poluído.

A Câmara Municipal de Esposende deliberou, por maioria aprovar o plano de actividades para o ano de 1990, e, ainda submeter o mesmo à aprovação da Assembleia Municipal.

O conhecido Lago dos Peixinhos, que se situava na conhecida Praça dos Táxis, aos pés da estátua de Henrique Medina, deixou de existir, sendo aterrado para a plantação de flores. Quem não devem ter ficado muito satisfeitos foram os motoristas dos carros de aluguer que ali fazem a sua Praça; se quiserem lavar os seus carros terão que o fazer em outro local.

DESPORTO

Quando faltam quatro jornadas para o término do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão Nacional, a equipa de Esposende já tem o seu lugar na 2.ª Divisão Nacional. O objectivo a que se propunha no início da época foi alcançado com alguma facilidade, mas com muito sacrifício e esforço. Tem agora a A. D. Esposende de repensar no seu futuro e não acreditar que o mais difícil já foi feito, porque essa seria a mais negativa imagem e o mais negativo presente que Esposende daria ao seu clube.

A secção júnior do mesmo clube também está no bom caminho, para atingir os seus objectivos no distrital de Braga; os juniores estão seriamente apostados em passar para o Nacional da Categoria, que poderão atingir em virtude de não dependerem de ninguém e contarem apenas com eles mesmos.

Forum Esposendense em marcha Esposende no dealbar do ano 2000

Realizaram-se em Esposende as Jornadas do Forum Esposendense que decorreram no dia 27, 28 e 29 de Abril abordando o tema: «Esposende no ano 2.000».

Como sabemos, o Forum é um órgão concelhio que tem por objectivo o progresso de Esposende. Alegam os seus fundadores que o concelho vive num grande marasmo. Resolveram então juntar o que de melhor havia entre os nascidos locais, em inteligência e capacidade, para dar um empurrão.

A tarefa parece-nos ciclópica e não de todo ajustada. Com efeito Esposende não vive a tal proclamada estagnação. Inegavelmente que de há dez anos a esta parte deu um salto qualitativo e quantitativo. Nas freguesias também se verifica esse progresso nomeadamente em Apúlia, Marinhas e Forjães. O facto de haver quatro vilas no concelho é sintomático. Depois houve um certo selectismo na escolha dos membros do Forum que não aproveitou toda a desejada quitesência, pondo de fora excertos do tecido social esposendense que reputamos de muito válidos. Não estamos a pôr em causa o critério. Tão só, como jornalista, assinalamos o evento.

O Forum é uma entre outras organizações que pretende o fomento local. Não se pode arrogar disso o exclusivo.

Teve um mérito que elegemos como primeiro benefício: agregou os vários esposendenses que vivem e labutam fora de portas, maximé, o núcleo de Lisboa onde se localizam destacados quadros sócio-económicos. Temos conhecimento que se reúnem todos os meses num restaurante da capital e o leit-motiv das suas conversas é Esposende.

O programa incluiu palestra nos três dias referidos. Os quatro temas abordados foram: «O Municipalismo em Portugal», «Território e Recursos Naturais», «Infraestruturas, Serviços e Actividades», «O Homem e as Marcas do Tempo» e «Quadro de Desenvolvimento».

Interviram nas várias sessões o Prof. Dr. Baquero Moreno, Eng. António Viana Barreto, Prof. Eng. Poças Martins, Eng. João Maria Oliveira Martins, Prof. Dr. Rui Agonia Pereira, Eng. José Areia, Dr. A. Fernandes Torres, Dr. Manuel Maria Costa, Eng. Júlio Trigueiros, Eng. Braga da Cruz, Arq. Viana de Lima e Arq. Bernardo Ferrão.

Apresentaram-se trabalhos muito meritórios que incluíam pistas de orien-

tação para serem desenvolvidas no futuro.

Como é óbvio, não vamos destacar aqueles temas que mais nos agradaram e as exposições melhor estruturadas. Faltavam ali ouvintes a quem o recado era dirigido especialmente. Esperamos que as conclusões sejam publicadas a muito breve prazo e distribuídas profusamente no concelho.

Assembleia de Freguesia

No dia 28 de Abril reuniu no Salão dos Bombeiros a Assembleia de Freguesia.

Tratou de três temas frios ou mornos: Aprovação de plano de obras para 1990, regulamento de quiosques e esplanadas, urbanização da margem esquerda do rio, a juzante da ponte e dos terrenos do ex-mercado; tema quente: aprovação das contas de gerência do ano de 1989, da outra Junta.

A aprovação do plano de obras e a urbanização dos terrenos não levantou problemas de maior. Ficou-se a saber que no sítio das Rodas, em lugar do mercado serão construídos um salão polivalente, coberto, com mil lugares, seis salas e áreas de apoio. Do outro lado da estrada, entre a antiga fábrica e o hotel do Pinhal vão ser erguidos dois *courts* de ténis e proceder-se-à ao arranjo do campo de futebol. O custo das obras engloba a totalidade das despesas destinadas ao mercado mais 30.000 contos.

Os terrenos entre a «fábrica» e a ponte, pertence a particulares e a Câmara só autorizará aí a construção de cafés ou restaurantes.

Como dissemos, o ponto quente foi a aprovação do relatório de contas de 1989. A actual Junta afirmou que faltavam documentos justificativos das despesas. Luis Viana defendeu-se alegando que o sistema de contas era o que se usava na generalidade das freguesias e explicou alguns casos de despesas efectuadas de que não recebera o respectivo documento de comprova. Mas em tudo agiu de boa fé.

Pela sala perpassou um momento de *frisson* quando o Presidente da Mesa, com voz cava e solene proclamou: «Chegou o momento crucial desta Assembleia. Vamos tratar da discussão e votação das contas de 1989...».

Tudo acabou em bem. Os três deputados do CDS votaram favoravelmente, um do PSD foi contra e os restantes elementos do PSD abstiveram-se. As contas foram aprovadas e sobretudo na sala firmou-se a comissão da idoneidade dos membros da Junta cessante. De qualquer modo Luís Viana expôs-se a um risco desnecessário e embaraçante.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO



EDIÇÕES ASA